

#1

• 10ª MOSTRA •

SERVIÇO SOCIAL
DO COMÉRCIO - PARATY

2021

BORDADOS POÉTICOS





SESC | SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO NACIONAL

JOSÉ ROBERTO TADROS

DEPARTAMENTO NACIONAL

DIREÇÃO-GERAL

CARLOS ARTEXES SIMÕES

BORDADOS POÉTICOS

EDIÇÃO E REDAÇÃO

ESTEFANIA LIMA

MATÉRIA ESPECIAL

INSTITUTO URDUME

**PROJETO GRÁFICO
E DIAGRAMAÇÃO**

TIAGO ARAUJO

ESTA REVISTA FOI PRODUZIDA
EM PARCERIA COM O
COLETIVO CONFIO.

SUMÁRIO

6

EDITORIAL SESC
UMA LINHA ENTRE O
PASSADO E O FUTURO

8

CARTA DA EDITORA
MULHERES, PALAVRAS
E LINHAS

10

ESPECIAL INSTITUTO URDUME
UM NOVELO DE MALHA
DE APANHAR PEIXE



18

PERFIL
UMA SONHADORA QUE FAZ

26

CAPA
RAÍZES - OS FIOS
DO AVESSO

50

TERRITÓRIO
AS BORDADEIRAS
POÉTICAS DE PARATY

60

PROGRAMA DE IMERSÃO
BORDADURAS DO
CONTEMPORÂNEO

72

PROGRAMA DE IMERSÃO
CARTOGRAFIA
DAS EMENDAS



80

**10ª MOSTRA BORDADOS
POÉTICOS 2020: OBRAS**
RAÍZES: TRAMAS
DA CRIAÇÃO



UMA LINHA ENTRE O PASSADO E O FUTURO

NÃO POR ACASO, algumas mulheres do povo cigano observam os traçados da palma da mão – com seus olhares e trocas, elas leem a vida e vislumbram futuros.

Das diversas maneiras de existir e pensar o mundo, poderíamos esperar por muita coisa, mas dificilmente calcularíamos a tragédia que se anunciou em 2020. Nossas mãos, antes prontas para alcançar quem está ao lado, precisaram conter o toque. Os encontros e abraços foram adiados, enquanto as telas de celulares e computadores expandiram-se diante das nossas vistas. Nesse cenário, nasce a revista Bordados Poéticos, em versão impressa e digital. Esta publicação, edição comemorativa de dez anos da mostra Bordados Poéticos, marca um ponto no futuro e, para isso, invoca memórias e tradições.

Papa, de Nina Cast, São Paulo-SP. 3º lugar no VII concurso Bordados Poéticos - Simbologia Inconsciente, em 2017.

O Polo Sociocultural Sesc Paraty é um espaço de trocas, conexões e aprendizados. Nossa proposta é desenvolver

atividades de fruição, experimentação, formação e pesquisa, todas gratuitas e em diálogo com a comunidade. Esse trabalho é realizado com os olhos voltados para os territórios, buscando nos saberes e fazeres a substância para as nossas práticas. Desse enxergar, por meio de ações formativas como cursos e oficinas, surgiu a parceria com as Bordadeiras Poéticas, grupo de mulheres que se reúnem para bordar, cantar, ler e relembrar o passado. Um dos frutos desses encontros foi a exibição desses bord



Praça da Matriz - Área do coreto,
de Regina L. B. Bartilotti, Paraty-
RJ. 1º lugar no IV concurso
Bordados Poéticos, em 2014.

MULHERES, PALAVRAS E LINHAS

E

M UM ANO SEM POSSIBILIDADES de encontro, nada poderia costurar melhor a mostra Bordados Poéticos do que o fio da escrita. Nascido dentro de uma biblioteca, o projeto Bordados Poéticos carrega em seu DNA linhas e letras. A palavra é parte integrante das raízes, conexões, heranças e origens dessa iniciativa que, em 2020, completou dez anos.

Evento único no país, a mostra reúne o melhor da prática artesanal em consonância com as bordaduras contemporâneas, sempre alinhavadas pelo coletivo. Desde 2011, os Bordados Poéticos ocupam Paraty por meio da poesia das mãos de bordadeiras da cidade, artistas, artesãs e artesãos, entusiastas, pesquisadoras e pesquisadores. Movidas pela força e potência de Nina Silva e Ariane Aguiar e, posteriormente, pela sensibilidade e nitidez de Mariana Guimarães, essas pessoas, em conjunto com o Sesc, vêm transformando Paraty na cidade do fio.

Como cofundadora do Instituto Urdume e editora da revista com o mesmo nome, única publicação dedicada exclusivamente à pesquisa e à disseminação das artes manuais têxteis no Brasil, sinto-me honrada por ter sido designada a organizar e contar as histórias que compõem os Bordados Poéticos neste formato de publicação. A revista, ao contrário do livro, carrega consigo o frescor das histórias que ainda não chegaram ao fim.

Nas páginas a seguir, você encontrará textos de natureza radicular. Não à toa, esse foi o tema de 2020. Embora, para fins de sistematização, tenhamos dividido a história dos Bordados Poéticos em matérias, durante a leitura será impossível não perceber o fio que une todas elas. Com exceção do texto feito pelo Instituto Urdume sobre a relação do têxtil com o texto, artigo que busca homenagear a ancestralidade comum entre a escrita, a mulher e o fio.

Texto produzido pelo Instituto Urdume em homenagem às mulheres, suas criações e seus fios.



MULHERES FORAM E SÃO SILENCIA-DAS em culturas diversas. E na história ocidental não foi diferente. Não porque não tenham sido representadas, idealizadas ou imaginadas, mas porque suas narrativas não são ouvidas. No Brasil, esta herança – somada a uma colonização escravista – deu às mulheres, em especial às mulheres negras, um papel tão fundamental quanto invisibilizado. Excluídas do debate público e apartadas da política, sustentaram o país por meio das atividades de cuidado e usaram suas mãos para construir mudanças, dando forma às suas subjetividades.

Segundo a antropóloga Carla Cristina Garcia,¹ campos da criatividade humana, como a culinária ou as artes manuais têxteis, ficaram por muito tempo ocultos atrás das cortinas do espaço privado. Res-

tritas ao ambiente doméstico, de suas próprias casas ou de onde foram escravizadas ou empregadas, muitas mulheres passaram seus dias trabalhando em “atividades criativas classificadas como inferiores por preconceito sexual, racial ou social”.

Atividades essas de cunho laboral e, portanto, que demarcaram a produtividade em três aspectos: fazeres sem duração – em ciclo permanente –, sem relevância histórica e tida como um fenômeno natural, intrínseco ao feminino.

Como afirma Ana Maria Machado em seu texto “O Tao da teia – sobre textos e têxteis”, esse cenário até poderia fazer com que os homens não pudessem negar sua dependência da produtividade feminina, mas marcava sua separação das mulheres, cujos afazeres ficavam restritos aos cuidados domésticos. Conforme a escritora, “a circulação da matéria têxtil criada por mulheres era incentivada, mas a circulação do texto e da palavra da mulher encontrava todos os obstáculos”.

No entanto, se por um lado, a produção têxtil privada foi excludente, por muito tempo ela foi também sinônimo de comunidade e narrativa. Desde a Pré-História, mulheres reuniam-se para tecer e, ao mesmo tempo, significar sua própria cultura, traduzida inicialmente por linguagem e vestimenta.

Uma referência dessa ligação ancestral entre o fio da vida e do têxtil, que tece tramas suficientes para sustentar as histórias de um povo, está descrita em uma antiga fábula de Gana, no conto africano de Kwaku Ananse, também conhecido como Anansi, que conta a trajetória de um lugar que vivia sem passado por não ter histórias registradas. Acreditando ser insuportável viver em um mundo sem

¹Manesco, L. *Para além de Penélope: a tessitura mítica e intertextual em contos da literatura brasileira*, USP, 2017.

enredos, Anansi, o homem-aranha, teceu uma extensa teia de prata a fim de chegar ao dono do céu, Nyame, que possuía essas histórias, e o propósito era libertá-las para o povo, que, assim, poderia construir e contar suas próprias narrativas. Além da cultura de países africanos que valorizam a arte de contar histórias, o filósofo alemão Walter Benjamin afirma em seu ensaio, “O narrador”, que a narrativa estava morrendo justamente porque já não se fiava mais, não se tecia, assim como Platão e algumas mitologias gregas também já seguiram por esses caminhos.

durante todo o século XIX, aprendizado que fazia parte da educação das meninas desde a infância. Porém, enquanto entre as famílias mais abastadas a prática têxtil era um hobby, nas menos privilegiadas, as mães precisavam dominar esse conhecimento e se desdobrar para conseguir dar conta de um sem-número de remendos, recosturas e transformações em suas próprias casas ou trabalhando como costureiras para outras famílias.

A figura da costureira era frequente nas casas da elite brasileira, ao lado de outros empregados. Responsável por costurar, lavar e cuidar das roupas da família, a costureira, geralmente, era uma pessoa escravizada doméstica. Essa herança perpetuou-se no decorrer do século XX, em que mulheres negras eram consideradas predestinadas a determinadas profissões, especialmente as que envolviam o trabalho doméstico ou o cuidado com as crianças.

Contudo, pensar em costura, bordados e trabalhos com fios e agulhas, também é falar sobre uma forma de comunicação. Enquanto na imagem da costureira o movimento da agulha e da linha perpassa o tecido, na da escritora são a caneta e a folha que fazem esse papel.

“Texto” vem do latim *textum*, que significa tecido, entrelaçamento. É, então, o resultado de uma combinação perfeita de uma espécie de fios, no caso, as orações, e o resultado - a costura - o texto propriamente dito. A inevitável conexão entre os fazeres manuais da escrita e das agulhas está presente não somente no conceito teórico, mas também na história de muitas famílias, cujas mães e avós costureiras e bordadeiras transmitiram para as descendentes a liberdade de criar textos.

Esse é o enredo de vida de muitas mulheres que hoje escrevem graças a um caminho previamente trilhado por quem veio antes delas. O movimento de pinça com a ponta dos dedos serve ora para segurar a agulha, ora para empunhar a caneta e, assim, entrelaçar palavras para criar narrativas textuais. Tais histórias narradas, que são decodificadas por meio da junção de letras, outrora eram contadas oralmente enquanto se fiava ou tecia, como lembra Walter Benjamin: “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve uma história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo de trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira, que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje em todas as pontas, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (...). A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão - no campo, no mar e na cidade - é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação”.

Assim, ouvir as mães cantarem enquanto teciam, conviver em espaços de costura ou brincar com pedaços de tecido - e ter aí um primeiro contato com as narrativas têxteis - serviu como propulsor para muitas escritoras e escritores negros da atualidade terem a oportunidade de se expressar por meio das palavras impressas.

SUELI CARNEIRO

A mais velha dos sete filhos de uma

costureira, Sueli Carneiro (1950) é referência na construção do pensamento feminista negro no Brasil e na militância de raça e gênero. A compreensão sobre a desigualdade e sobre as diferenças de oportunidades, ela teve, ainda pequena, quando entrou na escola - espaço que costuma ser o primeiro onde o racismo fica explícito e se apresenta de forma mais estruturada. Uma das versões de Sueli, então, que foi a da criança ferida, se transformou em muitas

MESMO MARGINALIZADOS,
OS FAZERES TÊXTEIS
MANUAIS NUNCA
PERDERAM SUA
POTÊNCIA NARRATIVA
E TRANSFORMADORA.
MUITAS MULHERES,
SEM POSSIBILIDADE DE
DISCURSO, CONTARAM
SUAS HISTÓRIAS E
GARANTIRAM SEU
SUSTENTO ATRAVÉS
DA LINHA.

quinas de costura foi o universo onde Lena viveu até os 8 anos, quando usava as sobras de tecido para brincar. Essa vivência acabou influenciando seu caminho como artesã, mais precisamente desenvolvendo as bonecas de tecido negro, feitas sem cola, sem costura e sem estrutura interna – utilizando apenas nós, dobraduras e cortes.

Mesmo criadas por Lena na década de 1980, existem muitas versões falsas sobre o surgimento das bonecas Abayomi. A mais famosa afirma que as mães a faziam para os seus filhos nos navios negreiros, utilizando retalhos de roupas. Essa distorção histórica revela a tentativa de não reconhecer a história e a cultura negra como parte integrante da cultura brasileira.

Além de ativista e artesã, Lena também enveredou pelo campo literário, em que deixou fluir a sua vertente escritora. O livro infantil Vida que voa, lançado em 2011, conta sobre as sabedorias compartilhadas entre avó e neta e é ilustrado com as bonecas Abayomi.

ABDIAS NASCIMENTO

As questões envolvendo a mulher negra e a luta antirracista foram compreendidas desde cedo por Abdias Nascimento (1914-2011), nascido em Franca, interior de São Paulo. A mãe, costureira e cozinheira, também era contratada como ama de leite por famílias abastadas, imagem que impactou fortemente a vida do filho. E essa vivência, assim como outras, o fez desejar a libertação da população negra.

Formado em Economia, Abdias foi um intelectual que mesclou a carreira artística, acadêmica e política – destacou-se como escritor, poeta, dramaturgo, ator, pintor, ensaísta, teórico, professor

e político. Mesmo com vasta obra, seu nome ainda não estampa a lista de referências na academia brasileira justamente porque seus pensamentos abordam questões essenciais para a plena cidadania do povo negro e, em muitos ambientes, ainda se trata de um assunto que não interessa ser tocado.

A capacidade de atuar em diversas frentes é resultado, em parte, de sua formação, que conta com a participação ativa em movimentos sociais, e em parte pelo que carrega dos ensinamentos familiares, que lhe deram força e autoconfiança para não baixar a cabeça diante de uma sociedade racista. A mãe ensinou a ele e aos seis irmãos a lutar contra as injustiças, e ela mesma era o exemplo. Lutava e resistia diante das dificuldades da vida, lição que deixou como legado para os filhos.

A família, que era muito pobre, sofreu na pele os resquícios da escravidão, extinta, legalmente, em 1888. Porém, como não veio seguida de políticas públicas para a colocação de pessoas negras no mercado de trabalho, deixou muitas sem expectativas. A própria avó de Abdias foi escravizada. A mãe, quando percorria as fazendas em busca de trabalho, encontrava muitas pessoas que haviam sido escravizadas. E esses fatos o marcaram profundamente. A memória de Abdias, assim como acontece ainda hoje com a população negra, representa um grande esforço para solucionar uma série de dificuldades.

Entrelaçada ao manual e à realidade, a criação literária traz à tona uma forma de expressão criada pelas mulheres e compartilhada com todos aqueles que foram subvalorizados ou oprimidos. Um conhecimento da experiência, que põ

NINA SILVA



Essa é a forma como a maioria das pessoas
descreve Nina Silva, educadora e idealizadora
do projeto **Bordados Poéticos**

UMA SONHADORA QUE FAZ

dação. Para trabalhar os diferentes tipos de texto, criou um projeto musical que tinha como propósito conseguir amarrar os conteúdos.

Quando foi a vez da aula sobre música clássica, ao comparar a partitura às letras do alfabeto, escutou de um aluno que ele iria faltar, pois não queria ouvir a música considerada chata. Porém, o estudante não somente foi à aula, como ficou emocionado. “Professora, a senhora me fez pagar esse mico de ficar chorando”, conta Nina ao lembrar da fala do menino. Neste mesmo projeto, os alunos gravaram um CD de música eletrônica, contando com ajuda de artistas locais e, quando trabalharam com a linguagem jornalística, lançaram um jornal sobre música, cuja impressão foi patrocinada por um morador da cidade.

Profundamente interessada na área cultural e atenta ao que pode causar, na prática, boa recepção entre os alunos, em 2014, Nina criou a Flec (Festa Literária Escolar do CIEP) e trabalhou nela como coordenadora pedagógica. A ideia foi que a iniciativa ocorresse em paralelo à Flip (Festa Literária Internacional de Paraty). “Nina tem um lado pedagógico sensacional, ela sempre enxerga uma oportunidade de criar projetos que se relacionem com a cidade”, recorda-se o artista Marcus Figueiredo, colaborador e entusiasta do projeto Bordados Poéticos desde sua primeira edição. Naquele ano, além da Flec, a educadora desenvolveu o projeto chamado A gente não quer só comida, evento gastronômico que envolveu os restaurantes da cidade, cada um representando a culinária de um país. A proposta motivou os alunos a conhecerem culturas diversas por meio de seus hábitos alimentares.

ENTRE SALAS DE AULA E CARGOS DE GESTÃO, NINA SEMPRE DEIXOU SUA MARCA.

No entanto, uma de suas atuações de maior destaque na região aconteceu quando foi diretora da Escola Municipal José Carlos Porto, no bairro do Taquari, região rural de Paraty. Durante os cinco anos que esteve à frente da instituição, Nina ficou conhecida por promover uma gestão horizontal com pais e alunos, aproximar a comunidade escolar e desenvolver ações culturais e educacionais de destaque para a comunidade do entorno. Para a escola, ela levou a Flec, agora Flet (Festa Literária da Escola do Taquari), em paralelo à Flip também, e recebeu um flautista da Orquestra Sinfônica de São Paulo, que esteve lá e, impressionado com o interesse dos alunos em aprender, doou 40 flautas artesanais, feitas por ele mesmo, para que uma mãe pudesse ministrar aulas na escola.

Pela excelência de sua gestão como diretora da escola, Nina foi reconhecida com o título de Cidadão Qualidade 2009 de Pa-

Nina ficou conhecida por promover uma gestão horizontal com pais e alunos, aproximar a comunidade e propor ações culturais.



Foto: Nina Silva



PROFUNDAMENTE INTERESSADA NA ÁREA CULTURAL, E OBSERVANDO NA PRÁTICA A BOA RECEPÇÃO DOS ALUNOS, EM 2014, NINA CRIOU A FLEC - FESTA LITERÁRIA ESCOLAR DO CIEP.

Nina transformou a Biblioteca Moura Brasil em um lugar de experimentação de diferentes linguagens artísticas.

raty. Mesmo ano em que deixou o cargo e passou a coordenar a biblioteca da Escola Estadual Cembra. Seguindo seu perfil realizador, a educadora transformou a Biblioteca Moura Brasil em um lugar ainda mais atrativo e capaz de comunicar por meio de diferentes linguagens, o que levou ao cotidiano do espaço diferentes projetos e oficinas que associavam a leitura às mais diversas manifestações e linguagens artísticas. Lá ela também promoveu o Comic Fest – festival de quadrinhos com direito a concurso de cosplay – e, pela iniciativa, foi convidada a participar de um evento brasileiro de cultura pop, o Comic Con Experience, em São Paulo. Naquela biblioteca surgiria também a paixão de Nina pelo bordado, um novo capítulo em sua vida e na história de Paraty.

E os dotes de Nina não param por aí. A educadora gosta também de fazer hai-

cai, gênero de poesia de três versos que precisa atingir uma ou mais características do haikai japonês, e já teve um de seus poemas publicado no livro Novos Haicais Brasileiros – antologia literária. Atualmente, Nina coordena o grupo Bordados Poéticos de Paraty e integra o Coletivo ConFio, com quem correaliza, com o Sesc de Paraty, a mostra anual Bordados Poéticos. Para Daniel Ferenczi, gestor do Sesc Paraty, sua postura provoc



RAÍZES

OS FIOS DO AVESSO

A mostra **Bordados Poéticos de Paraty** completa dez anos e celebra seu amadurecimento superando os desafios de um ano atípico



DIFERENTE DE TODOS os outros anos, Nina Silva terminou a 9ª mostra Bordados Poéticos sentindo-se vazia. Apesar do sucesso do evento, que consolidou a parceria entre o Coletivo ConFio e o Sesc Paraty, uma angústia lhe acometia. Pela primeira vez em nove anos, a educadora não sabia que tema de reflexão propor ao ano seguinte.

Embora 2020 fosse um ano de celebração, quando o projeto completaria dez anos de vida, nada do que suas companheiras de coletivo, Ariane Aguiar e Mariana Guimarães, lhe sugeriam, parecia satisfazê-la. O tema para a 10ª edição da mostra só seria definido meses depois, quando lhe veio à cabeça a ideia “Raízes: Tramas da Criação”, por conta do enraizamento alcançado pela iniciativa no decorrer dos anos.

Nina ainda não sabia, mas em 2020 uma pandemia chamaria todos a serem plantas. Um vírus se espalharia pelo mundo e convidaria as pessoas a habitarem outro tempo, em solo fixo. Para atravessar este ano, seria necessário ser como as raízes e dar a si mesmo corpos tentaculares. Fios fortes, porém maleáveis, capazes de encontrar novos caminhos em meio às pedras. Assim aconteceu.

A RAIZ DESCE AO SOLO, ENQUANTO O GERME VAI AO ENCONTRO DO SOL

Em 2011, Nina era a responsável pela biblioteca da Escola Estadual Cembra, em Paraty, e, como de costume em toda a sua trajetória na educação, buscava formas de engajar os estudantes. Imbuída desse espírito, criou o projeto Comunicação e Linguagem e, com os alunos, escolheu diferentes técnicas para expressar as variadas formas de comunicação. O bordado foi utilizado para representar a narrativa

NINA AINDA
NÃO SABIA,
MAS, EM 2020,
UMA PANDEMIA
CHAMARIA TODOS
A SEREM PLANTA.
UM VÍRUS SE
ESPALHARIA
PELO MUNDO
E CONVIDARIA
AS PESSOAS A
HABITAREM
UM OUTRO TEMPO,
EM SOLO FIXO.

O BORDADO FOI
UTILIZADO PARA
REPRESENTAR A
NARRATIVA ORAL
E, DE TODAS
AS LINGUAGENS
UTILIZADAS NO
PROJETO, FOI,
SEM DÚVIDA,
SUA PREFERIDA.

◆ LINHA DO TEMPO

BORDADOS
POÉTICOS

IDEALIZADORA DO BORDADOS POÉTICOS
Nina Silva

COLETIVO CONFIO
Composto por Ariane Aguiar, Mariana Guimarães e Nina Silva, é responsável pela correalização da mostra Bordados Poéticos junto ao Sesc.

oral e, de todas as linguagens utilizadas no projeto, foi, sem dúvida, sua preferida. Semanas mais tarde, olhando para o painel resultante da ação – que então decorava a parede da biblioteca –, sentiu por não existirem ali mais livros com ilustrações bordadas. Embora não soubesse bordar, decidiu, naquele momento, que daria um jeito de produzir uma série de livros artesanais para o local. À noite, deitada em sua cama, teve um “surto pedagógico” – nome que dá a seu momento de epifania. Questionou-se onde estariam as bordadeiras de Paraty. Para encontrá-las, resolveu promover um concurso. Determinada, antes mesmo de ter o projeto escrito, Nina já conseguiu patrocínio para a premiação do evento. “Sou como um touro, tenho uma ideia e já saio fazendo”, diz. E até hoje se emociona ao recordar da generosidade de Maria Inês, proprietária do armazinho Casa Costa, em Paraty, que patrocinou integralmente a premiação da primeira edição do concurso, e de Marcos Honório de Souza, conhecido como Marquinho Vidraceiro, que emprestou todas as molduras para a exposição das obras. “Eles foram as primeiras pessoas a acreditarem no projeto”, ressalta.



**A INICIATIVA REUNIU
ARTISTAS, TEÓRICOS,
COLETIVOS
E INTERESSADOS NO
SABER DOS FIOS
PARA DIALOGAR
E EXPERIMENTAR
MÚLTIPLAS
FORMAS DO TECER.**

reuniu artistas, teóricos, coletivos e interessados no saber dos fios para dialogar e experimentar múltiplas formas do tecer.

A RAIZ TRADUZ A VERDADE DO SOLO

O biólogo Charles Darwin uma vez escreveu que não era exagero dizer que as pontas das raízes agem como um cérebro nas plantas. Elas são as responsáveis por perceber, desde a terra, aquilo que acontece no entorno do vegetal. Já para o filósofo Emanuele Coccia, as raízes fazem do solo seu mundo de comunicação espiritual. É graças a elas que a parte mais sólida da terra se transforma num imenso cérebro planetário, tornando-as, embora âncoras, extremamente conectadas e plurais.

Da mesma forma acontece com os Bordados Poéticos – um projeto nutrido por seu território, mas que dialoga com diferentes tempos, tradições e espaços. Paraty, onde estão fincadas as raízes da mostra, está localizada na Costa Verde do Rio de Janeiro, entre as duas maiores capitais do país. Cercada por áreas de preservação, é berço da Mata Atlântica, um dos biomas mais ricos em biodiversidade da Terra. E a riqueza ambiental também se reflete na cultura e na diversidade da



3ª EDIÇÃO 2013

BORDADOS
POÉTICOS: UM
PROJETO NUTRIDO
POR SEU
TERRITÓRIO, MAS
QUE DIALOGA COM
DIFERENTES
TEMPOS, TRADIÇÕES
E ESPAÇOS.



4ª EDIÇÃO 2014

LOCAL: SESC

21 OBRAS EXPOSTAS

Em 2014 é criado o Coletivo Canoas e o concurso é correalizado pela primeira vez com o Sesc Paraty. O tema do ano é **Paraty e seus lugares, a memória afetiva da cidade resgatada através de fotografias do Fotoclube Paraty**. Paralelamente, são realizadas oficinas com Matizes Dumont, José Andreas e uma oficina de bordados para crianças com as Bordadeiras Poéticas.

As Bordadeiras Poéticas de Paraty fazem a sua primeira intervenção artística durante a exposição, bordando a fachada do Sesc com placas de eucatex e tecidos de reuso. O grupo é contemplado ainda com um edital de Cultura do Estado e realiza a exposição entre Linhas e Letras, realizada na Casa da Cultura.

EM 2016, O
CONCURSO
HOMENAGEOU
OS ARTISTAS
PARATIENSES
JÚLIO PARATY,
JOÃO JOSÉ E
THEMILTON
TAVARES.



5ª EDIÇÃO 2015

LOCAL: CASA DA CULTURA

29 OBRAS EXPOSTAS

O tema da mostra da quinta edição do concurso é Margaret Mee, artista inglesa que morou muitos anos no Rio de Janeiro e dedicou grande parte de sua carreira à ilustração botânica da flora brasileira.

Neste mesmo ano, o grupo das Bordadeiras Poéticas de Paraty lança o livro Retratos em Fios de Linha, com ilustrações de Marcus Figueiredo, resultado da exposição Linhas e Letras do ano anterior.

6ª EDIÇÃO 2016

LOCAL: SESC

40 OBRAS EXPOSTAS

Numa profusão de pontos, linhas e cores, o concurso Bordados Poéticos de 2016 homenageou os artistas paratienses Júlio Paraty, João José e Themilton Tavares, além de referenc



PARATY: RIQUEZA
AMBIENTAL SE
REFLETE
NA CULTURA E
NA DIVERSIDADE
DA CIDADE.

cidade, que possui um calendário cultural singular, marcado por grandes eventos como a Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip, e o festival de fotografia Paraty em Foco. Composta por uma população de povos indígenas, caiçaras e quilombolas, além de preservar tradições e influências europeias, “Paraty é uma cidade que pulsa cultura, com um público daqui curioso e ávido por essas experiências e que consegue pegar o novo e decantar com algo que seja significativo para sua vivência e seu território”, comenta o gestor do Sesc Paraty, Daniel Ferenczi.

Para Daniel, é isso que faz de Paraty uma cidade cosmopolita mesmo com apenas 40 mil habitantes. Uma população formada por comunidades tradicionais e pessoas do mundo inteiro que escolheram viver no local. “O povo nativo daqui tem muita abertura para o novo, o que torna esse território muito rico. As edições dos Bordados Poéticos reúnem essas características locais e, por meio de uma técnica tradicional, vão ao encontro de memória afetiva, além de oferecem essa abertura ao novo.” Segundo o gestor, é esse tipo de abordagem que faz com que o tempo da exposição já tenha sido prorrogado algumas

7ª EDIÇÃO 2017
LOCAL: SESC

55 OBRAS EXPOSTAS
Em 2017, o Bordados Poéticos tem seu último ano como concurso e propõe como tema um mergulho no inconsc

vezes com o passar dos anos. “Para os visitantes da cidade, principalmente no verão, é a chance de conhecer as raízes deste território em conversa com o contemporâneo.”

Fortemente influenciado pelo solo que habita, pelo menos seis dos temas propostos nas dez edições dos Bordados Poéticos tinham ligação direta com a cidade. Isso sem falar na relação intrínseca entre o texto e o têxtil, abordada recorrentemente pelo Coletivo ConFio e o grupo das Bordadeiras Poéticas na produção de ilustrações para livros, homenagens a poetas e também a autores. Para a artista Marcela Carvalho, nada disso é à toa, já que o fio da iniciativa enreda prática e metaforicamente Paraty. Para ela, os Bordados Poéticos são fio-palavra, fio-tecido e fio-trama, unindo grupos e promovendo o bordado nas artes contemporâneas em uma linguagem estabelecida. “Um bordado presente numa cidade que já valoriza as letras, tem seu centro histórico, sua qualidade de encontro, uma cidade que era das letras e tinha que ser também dos fios”, reflete.

No entanto, o projeto não acaba em Paraty – na verdade, ele começa. Desde 2018, Mariana Guimarães faz a curadoria

RELAÇÃO ENTRE O TEXTO
E O TÊXTIL É ABORDADA
RECORRENTEMENTE
PELO COLETIVO CONFIO
E PELO GRUPO DAS
BORDADEIRAS
POÉTICAS.

8ª EDIÇÃO 2018

LOCAL: SESC

30 OBRAS EXPOSTAS

Em sua oitava edição, o concurso Bordados Poéticos se transforma em uma mostra e propõe como tema de reflexão o Fio-Percurso: território, a cartografia e os caminhos part



AO LONGO DE UMA DÉCADA DE EXISTÊNCIA, MAIS DE 300 OBRAS FORAM PRODUZIDAS E EXPOSTAS EM PARATY.

Vós Sois Voz,
Aline Brant, 2020.

e robusto – gestadas em dez anos dos Bordados Poéticos, já que, em uma década de existência, produziram e expuseram 300 obras em Paraty.

Dezenas de artistas colaboraram e participaram das exposições, entre eles Beatriz Milhazes, que redigiu o texto de abertura da mostra em 2016, a artista têxtil peruana Ana Tereza Barboza, artista convidada do mesmo ano, Edith Derdyk, Teko Semente e Alexandre Herbert, que participaram da mostra de 2019, entre outros. Além disso, o Sesc promoveu uma série de trocas e intercâmbio entre coletivos, reunindo o grupo das Bordadeiras Poéticas (ver mais na página x) com as Bordadeiras da Praia do Sono (Paraty), Coletivo Bordazul (AL) e Bordadeiras de Passira (PE). Há anos, as mostras são compostas também por oficinas e workshops, como a “Cartografia das emendas”, desenvolvidos por Mariana Guimarães e Vanerar Moreira, que juntas, recuperaram e recontaram histórias das colchas de retalho de Paraty.

Por isso, mesmo em um ano pandêmico, a iniciativa não perde sua potên-

cia. Apesar de todos os desafios – crise sanitária, isolamento social e greve dos Correios –, 2020 foi um ano de abundância. Embora tenha sido a primeira vez em dez anos em que não houve exposição de forma física, o projeto comemorou seu maior número de inscrições (208) e de obras entregues (56), que são honradas – em um gesto de afeto – sendo integralmente expostas nesta publicação.

Em 2020, o mundo ficou sem ar. Não foi possível voar, então os Bordados Poéticos mergulharam no chão. Por baixo da terra, tramaram as redes possíveis e, como plantas, ao bordarem suas próprias raízes, viraram forma como todo o seu ser, marcando o fim e o recomeço. ■

10ª EDIÇÃO 2020

LOCAL: SESC

56 OBRAS EXPOSTAS

O programa educativo, que conta com oficinas, seminário, performances e parceria entre a Secretaria de Educação do município e o grupo das Bordadeiras Poéticas, tem por objetivo fomentar as ações culturais do território, ao mesmo tempo em que promove ao público local diferentes experiências e referências. “O programa educativo nos dá a possibilidade de dar ao bordado outras formas, além de mostrar como a técnica pode ser ilimitada e ir muito além da prática”, declara Daniel Ferenczi, gestor do Sesc Paraty. Embora as ações sistemáticas já fizessem parte da prática do Sesc, o gestor destaca que a chegada de Mariana contribuiu para um olhar contemporâneo da técnica. “A Mariana trouxe essa potência do feminino, das discussões sociais e o bordado como forma de expressão.”

Para Antonio Garcia Couto, analista de artes visuais do Sesc, a mostra já faz parte do calendário cultural de Paraty e gera grande expectativa no público da cidade: “A semana de abertura da exposição é um momento de grande celebração de uma produção de abrangência nacional e até internacional”. Isso porque é nesta semana que se concentra também um período de imersão em tudo que diz respeito ao bordar, quando acontecem oficinas, mesas e performances. Atividades que oferecem, por si só, uma série de vivências complementares à mostra que, para Marcela Carvalho, são ações que demonstram a potência dos Bordados Poéticos tecido por várias mãos: “O projeto tem muita força desde o começo, mas ele ganhou um novo corpo quando o Sesc abraçou a iniciativa e, junto à Nina, Mariana e Ariane, começou a costurar também esse Bordados Poéticos do encontro, que pode durar um ano, com a eternidade do fio”.



E foi tramando redes – que não se esgotam apenas no campo da linguagem – que Mariana Guimarães passou a propor ações que dialogassem com os campos com os quais o bordado faz fronteira, como a clínica. Em 2018, uma das convidadas para comp

BORDADOS POÉTICOS EM NÚMEROS

Em cinco anos de parceria entre o Sesc Paraty e o coletivo ConFio, mais de **15 mil** pessoas visitaram as mostras Bordados Poéticos e, pelo Programa Educativo, foram realizadas **20 oficinas** - com **542 participantes**, totalizando **60 horas** de atividades. Ocorreram ainda duas performances, uma mesa de debate e um seminário, envolvendo mais **13 artistas** de diversas regiões do país. Em parceria com a Secretaria de Educação de Paraty foi realizado, entre 2017 e 2019, o programa de imersão com o grupo das Bordadeiras Poéticas, oferecido para educadores e estudantes do Ensino Infantil, Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos de escolas da rede pública para aproximadamente **70 grupos**, totalizando 300 horas e um público de **1500 alunos**.

2014

OFICINA DE BORDADO
COM MATIZES DUMONT:
OLHARES SOBRE OS QUINTAIS
DE PARATY - ANGELA
DUMONT E ANDREA BONI

RODA - OFICINA DE
DESENHOS PARA BORDADO
- JOSÉ ANDREAS

RODA - OFICINA DE BORDADO
PARA CRIANÇAS - GRUPO
BORDADEIRAS POÉTICAS

2016

OFICINA COM A ARTISTA
TÊXTIL PERUANA ANA
TERESA BARBOZA

2017

PELAS TRAMAS DO
ERÓTICO E SAGRADO: O
QUE NÃO PODE FALTAR -
MARIANA GUIMARÃES

BORDADO E POESIA - GRUPO
BORDADEIRAS POÉTICAS

2018

ESTAMPARIA AFRICANA E
BORDADO SOBRE PANO DE
JUTA - ELOÍSA MARQUES
E PEDRO JOÃO CURY

CARTOGRAFIA DA EMENDA -
REFLETINDO O TERRITÓRIO
- MARIANA GUIMARÃES
E VANEAR MOREIRA

BORDADOS - FIO-PERCURSO -
GRUPO BORDADOS POÉTICOS

NARRAÇÃO DE HISTÓRIA -
CONTOS DO FIO - MARCELA
CARVALHO MESA - FIO
PERCURSO: REFLEXÕES
SOBRE O BORDADO COMO
MEDIADOR DE PRÁTICAS DE
CUIDADO E CONSTRUÇÃO
DE SI, COMO IZABELA PUCU,
GABRIELA SERFATY, MARIANA
GUIMARÃES E NINA SILVA



2019

ENCANTO E SEGREDO DAS AVES - BET

RAÍZES TRAMAS DA CRIAÇÃO

O tema de reflexão e pesquisa da 10ª edição da mostra Bordados Poéticos no ano de 2020 nos inspirou a pensar sobre as conexões, origens e heranças no decorrer desse ano de grandes desafios e dificuldades. Um ano que revelou o seu avesso, e nos fez refletir sobre a grande rede em que vivemos e que entrelaça todos os seres humanos e não humanos do planeta.

RAÍZES QUE NOS SERVEM como meio de fixação ao solo, às ideias, aos diálogos e aos aprofundamentos, além de promoverem sentidos e nos interligarem com o todo que compõe a floresta e com nossa própria história. Histórias de nossa terra, dos povos originários, vínculos ancestrais.

Conexões com os ciclos de vida, morte e renascimento. Aquilo que herdamos e o que desejamos construir como herança – nossos frutos e sementes. O que constitui nosso porvir no mundo.

O bordado nos permite a construção de novas narrativas poéticas e nos possibilita a criação e a ligação com o todo que nos constitui, afinal, é ferramenta de transformação e transmissão.

O fio nos convoca a pensá-lo não apenas como materialidade e técnica, mas em um sentido biológico, que parte do ancestral, da estruturação da vida e da própria linguagem.

Um elemento que nos permite a compreensão e o acesso a uma realidade ampliada. Permite ver e falar simultaneamente o avesso e direito do bordado, mas sobretudo o entre, o não dito, a imaterialidade, o que nos conecta com o sagrado, com o orgânico e com as nossas linhagens.

Conectadas a essas transmissões, conexões em redes visíveis e invisíveis, neste ano de 2020, o Coletivo ConFio e o Sesc Paraty optaram por incluir todos os 56 trabalhos enviados para participarem do processo de curadoria e escolha para integrarem a mostra. A decisão deu-se pelo entendimento coletivo de que, por meio desse gesto, pudéssemos abraçar todas e todos, neste momento de urgência de encontros, de abraços, de pequenas e singelas ações em um mundo enfatiado, repleto de dúvidas e muita solidão.

Os trabalhos serão apresentados em uma publicação em formato impresso e digital, comemorativa aos 10 anos da mostra Bordados Poéticos. Nestas páginas, apresentamos os rastros, as origens e as raízes de cada um que participou e participa ao compor uma trama criativa e polifônica que nos possibilita traçar estratégias para invenção de novas redes, outros modos de existência, além de bordar um futuro tecido a partir da continuidade desta trama – e que aponte para as diferenças. ■



PAU BRASIL
Andréa Márcia de Oliveira Gomes



MINHA ÁRVORE DA VIDA
Maria Dolores Ripoll Tavares Leite



VIDA!
Regina Kutka



SEMENTE
Fernanda Amorim Souza



DONEC SED QUAM ORCI

Lúcia Beatriz Mello Alessio



DNA INDÍGENA

Darlene Cristina da Maia Baixo



RAÍZES
Miriam de Souza Oliveira



HUMBERTO E NARA
Adriane Helena Rodrigues



DEVIR
Nazaré Fraga



SOU, SOMOS, UNO.
Expedita Maria de Almeida Ricarte



FEMININO, RAÍZES SAGRADAS

Lourdes Maria Sampaio Guimarães



MÃE ÁFRICA

Rosiene Freitas e Nélío Ribeiro



ENTRERAIZLAÇADOS

Fernanda Silva Queiroz

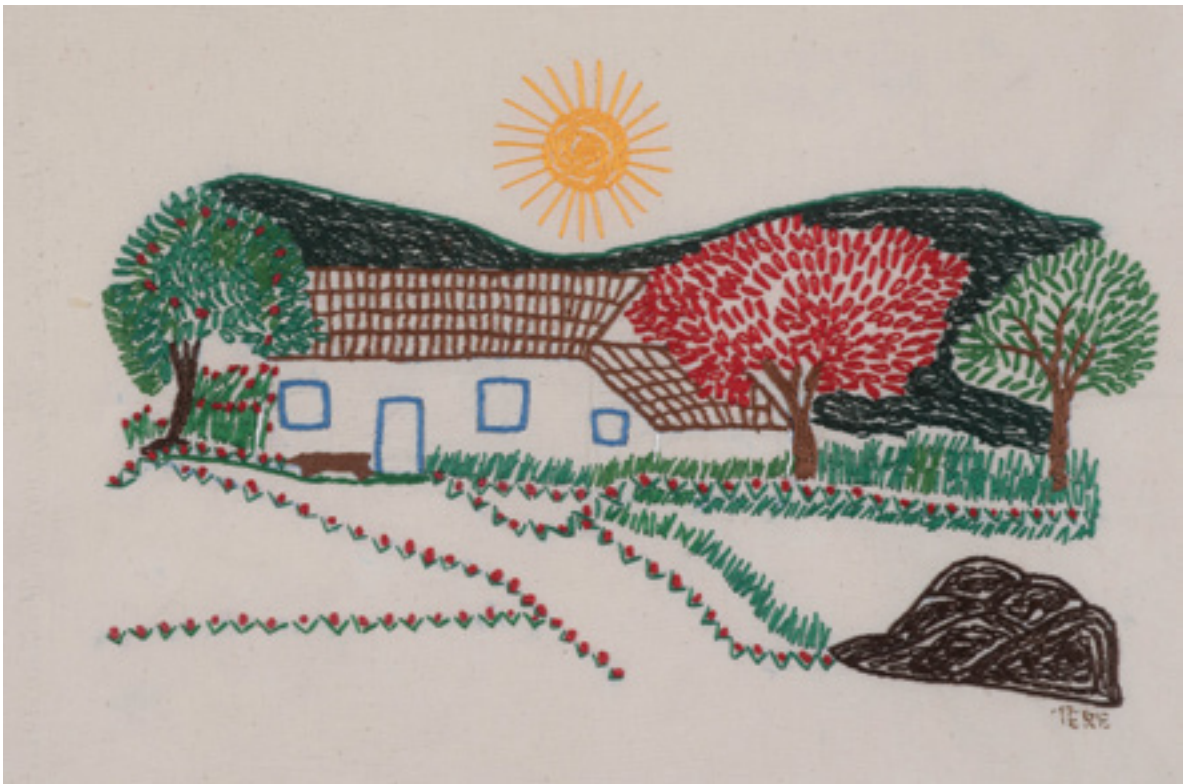


POR UM FIO

Rosimary de Freitas Bakir



COLO
Márcia Christina Delgado de Campos



A CASA DA VOVÓ
Terezinha Delci Falsarella

